

emergência dos MS tem sido relacionada às contradições sociais, desenvolvendo-se, então, uma tradição derivada dos estudos de Castells (1) e Lojkine (6) que tem marcado a produção no país entre os movimentos sociais urbanos. Recentemente, a categoria "contradições sociais" vem sendo revista em termos de condição suficiente ao aparecimento dos MS (5), apontando-se também para fatores culturais.

Questões ainda em discussão na literatura sobre os MS parecem derivar da necessidade de intercâmbio entre as áreas de estudo: Tal intercâmbio é defendido por autores de vertente antropológica (4) e sociológica (8). A Psicologia, como reconhece Melucci (7), poderia igualmente contribuir com o seu nível de análise.

Defende-se, aqui, que o fenômeno do comportamento coletivo seja reassumido como objeto de estudo da Psicologia. Embora o quadro teórico possa não dar conta da complexidade inerente a esse objeto, a pesquisa empírica poderia suscitar necessidades de

articulações entre categorias derivadas de diferentes teorias psicológicas ou de outras áreas de conhecimento. A omissão da Psicologia aumenta a lacuna sobre o tema em seu campo e a distancia daquelas ciências que vêm enfrentando as questões colocadas pelo comportamento coletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CASTELLS, M. *Lutas urbanas e poder político*. Porto, Gráfica Firmeza, 1976.
2. CARWRIGHT, D. e ZANDER, A. *Dinâmica do grupo*. São Paulo, EPU, 1975.
3. DUCHAC, R. *Sociologia e Psicologia*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1975.
4. DURHAM, E.R. Movimentos sociais: a construção da cidadania. *Novos Estudos — CEBRAP*, 10: 24-30, 1984.
5. KOWARICK, L. Os caminhos do encontro: as lutas sociais em São Paulo na década de 70. *Presença*, 2, 65-78, 1984.
6. LOJKINE, J. *O Estado capitalista e a questão urbana*. São Paulo, Martins Fontes, 1981.
7. MELUCCI, A. The new social movements: a theoretical approach. *Social Science Information — Sur les Sciences Sociales*, 2, (19): 199-226, 1980.
8. NUNES, E. Carências urbanas e reivindicações populares — Notas. *Ciências Sociais, Hoje*, 37-52, 1986.
9. REICHER, S.D. The St. Paul's' riot: an explanation of the limits of crowd action in terms of a social identity model. *European Journal of Social Psychology*, 14: 1-21, 1984.
10. SHERIF, M. e SHERIF, C.W. *Groups in harmony and tension*. New York, Harper & Row, 1953.
11. STEINER, I. D. Whatever happened to the group in social psychology? *Journal of Experimental Social Psychology*, 10, 94-108, 1974.
12. TAJFEL, H. *Differentiation between social groups*. New York Academic Press, 1978.
13. TAJFEL, H. *Human groups and social categories*. New York Cambridge University Press, 1981.
14. TOCH, H. *The social psychology of social movements*. Londres Methuen & Co. LTD, 1965.
15. TOCH, H. e MILGRAN, S. Collective behaviour: crowds and social movements. In LINDZEY, G. and ARONSON, E. (eds) *Handbook of Social Psychology*. Addison-Wesley, Reading, Mass. Kiersler, C.A. 1969.
16. TURNER, J.C. Social identification and psychological group formation. Em: TAJFEL, H. (ed). *The social dimension*. New York Cambridge University Press, 1984.
17. TURNER, J.C. e GILES, H. Introduction: the social psychology of intergroup behaviour. In: TURNER, J.G. e GILES, H. (eds). *Intergroup behaviour*. Chicago, The University of Chicago Press, 1981.

Leitura

A loucura do trabalho.

Júlia Abrahão

Instituto de Psicologia - Universidade de Brasília.

Encontramos nesta obra de Christophe Dejours — *A loucura do Trabalho*, Oboré Editorial, 1987 — uma abordagem do trabalho até então pouco usual entre os profissionais da área de Psicologia Organizacional — o binômio organização do trabalho - saúde. O eixo central sobre o qual se construiu o livro traz em sua base o pressuposto que: "a organização do trabalho exerce, sobre o homem, uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico".

Através de pesquisas realizadas em diferentes setores da produção, Dejours ilustra de forma clara os diferentes mecanismos de defesa utilizados pelos trabalhadores. Esses mecanismos permitem sobreviver ao sofrimento imposto pela organização do trabalho vigente. Em outras situações o autor demonstra como esse mes-

mo sofrimento é recuperado pelas empresas em prol da produtividade.

É interessante ressaltar da análise do autor a identificação não só dos mecanismos de defesa ocupacional defensiva de caráter individual, mas também a ideologia ocupacional coletiva vigentes em determinadas áreas de produção. Ao resgatar a dimensão coletiva do sofrimento e as regras impostas pelo grupo para a execução das tarefas, Dejours nos remete diretamente a um questionamento da forma como o trabalho é organizado.

Crítico ferrenho do Taylorismo e seus múltiplos desdobramentos em matéria de organização do trabalho, o texto ilustra com exemplos oriundos do cotidiano do trabalho, aspectos tais como a insatisfação oriunda do

conteúdo significativo e do conteúdo engonômico do trabalho.

Na relação do trabalhador com a organização do Trabalho, além das estratégias defensivas, do sofrimento e da sua exploração, é interessante observar ainda a identificação do medo presente em diferentes situações de trabalho; e esse medo se desdobra de forma diferenciada conforme a relação tarefa-organização do trabalho.

Resta como ponto fundamental da psicopatologia do trabalho a questão: a exploração do sofrimento pode ter repercussões sobre a saúde dos trabalhadores, do mesmo modo que podemos observar com a exploração da força física?

Contrariamente ao que parece sugerir o título da obra, não se pode provar uma patologia mental decorrente do trabalho. Uma das hipóteses do trabalho de Dejours coloca a organização do trabalho como causa de uma fragilização somáti-

ca, na medida em que ela pode bloquear os esforços do trabalhador para adequar o modo operatório às necessidades de sua estrutura mental. Nós pensamos que por aí se abre um grande campo de investigação para a verificação dessas hipóteses, com a vantagem de agrupar diferentes campos de atuação da psicologia, indispensáveis a um melhor conhecimento das relações homem-situação de trabalho.

O livro traz, em seu anexo, um modelo de metodologia em psicopatologia do trabalho, útil na operacionalização e bom guia no desenvolvimento de uma intervenção, deixando evidentemente um espaço para a adaptação à nossa realidade brasileira com peculiaridades diferentes da francesa.

A proposta que permeia todo o livro não é a de criar novos homens, mas encontrar soluções que permitiriam pôr fim à desestruturação de um certo número deles, pelo trabalho.